




Ateliê Editorial

Editor

Plínio Martins Filho

Conselho Editorial

Beatriz Mugayar Kühl

Gustavo Piqueira

João Angelo Oliva Neto

José de Paula Ramos Jr.

Leopoldo Bernucci

Lincoln Secco

Luís Bueno

Luiz Tatit

Marcelino Freire

Marco Lucchesi

Marcus Vinicius Mazzari

Marisa Mídori Deaecto

Paulo Franchetti

Solange Fiúza

Vagner Camilo

Wander Melo Miranda



UNICAMP

Reitor

Antonio José de Almeida
Meirelles

**Coordenadora Geral
da Universidade**

Maria Luiza Moretti



Conselho Editorial

Presidente

Edwiges Maria Morato

Alexandre da Silva Simões

Carlos Raul Etulain

Cicero Romão Resende de Araujo

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Iara Beleli

Iara Lis Schiavinatto

Marco Aurélio Cremasco

Pedro Cunha de Holanda

Sávio Machado Cavalcante

ROBASTOS TODOS EM BOU

**A elite nos bastidores
do modernismo paulista**



EA

Maria Eugenia Boaventura


Ateliê Editorial


EDITORA
UNICAMP

Copyright © 2022 Maria Eugenia Boaventura
Direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial
sem autorização, por escrito, das editoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boaventura, Maria Eugenia
*Couto de Barros: A Elite nos Bastidores do Modernismo
Paulista* / Maria Eugenia Boaventura. – Cotia, SP: Ateliê Editorial;
Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

ISBN 978-65-5580-071-5 (Ateliê Editorial)
978-85-268-1529-2 (Editora da Unicamp)

1. Barros, Antônio Carlos Couto de, 1896-1966 2. Modernismo
(Arte) - São Paulo (SP) 3. Personalidades - Brasil - Biografia I. Título.

22-110027

CDD-306.092

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Elite: Modernismo paulista: Cultura:
Sociologia: História 306.092
Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados a

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 | Granja Viana | Cotia | SP
Tel.: (11) 4702-5915
www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br
facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br
instagram.com/atelie_editorial

EDITORA DA UNICAMP
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421
3º andar | Campus Unicamp
13083-859 | Campinas | SP | Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

2022

Printed in Brazil | Foi feito o depósito legal

INTRODUÇÃO p.10

1

De Gouvães do Douro
a Campinas p.14

3

Amizades de Aço
p.52

2

Educação de Elite
p.32

5

Klaxon, Rua Direita, 33
p.98

4

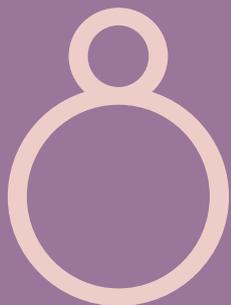
Semana de
Arte Moderna
p.80

6

Amigos Estrangeiros
na *Klaxon* p.150

7

11, rue Lauriston
p.164



Lá e Cá
p.190

*Terra Roxa e
Outras Revistas*
p.206



Partido Democrático
e *Diário Nacional*
p.230



*Pro São Paulo
Fiant Eximia*
p.262



SPAM e
Outras Alternativas
p.302

Escola Livre de
Sociologia e Política
p.320



REFERÊNCIA/ BIBLIOGRÁFICA/ p.338

ÍNDICE ONOMÁ/TICO p.343

Lista de Abreviaturas e Siglas

AAM – Antônio de Alcântara Machado

AB – Adriano de Barros

ACCB – Antônio Carlos Couto de Barros

BBM – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

BC – Blaise Cendrars

BMMA – Biblioteca Municipal Mário de Andrade

CAM – Club de Arte Moderna

Copale – Companhia Paulista de Louça Esmaltada

CRE – Centro de Referência em Educação Mário Covas

DN – Diário Nacional

GA – Guilherme de Almeida

GV – Getúlio Vargas

IEB - USP – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

IEL - Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas

LDP – Liga de Defesa Paulista

MA – Mário de Andrade

MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo

MIS – Museu da Imagem e do Som, São Paulo

OA – Oswald de Andrade

PD – Partido Democrático

PNF – Paulo Nogueira Filho

PP – Paulo Prado

RBM – Rubens Borba de Moraes

RJ – Rio de Janeiro

SBH – Sérgio Buarque de Holanda

SAM – Semana de Arte Moderna

SPAM – Sociedade Pró-Arte Moderna

SP – São Paulo

TA – Tácito de Almeida

A partir da fantástica coleção (arquivo, biblioteca e obras de arte) preservada pela família, projetei reconstruir a teia modernista em que Antônio Carlos Couto de Barros e seus amigos (quase todos ex-colegas da Escola Caetano de Campos, do Colégio São Bento e da Faculdade de Direito) estiveram envolvidos. Tentei rastrear sua atuação na vida cultural, política e econômica de São Paulo, em boa parte do século xx. Propositadamente escolhi o registro neutro da descrição, explorando a rica iconografia e documentação recolhidas. Muitas vezes descii a detalhes da história miúda, a fim de mostrar a peculiaridade da vida familiar, jornalística e política, da formação escolar e da relação com os colegas de um intelectual, empresário, advogado, jornalista, escritor e professor paulista daquela época.

Durante os preparativos da Semana de Arte Moderna de 1922, já se percebia a presença de Couto de Barros em artigos na imprensa local, depois na fundação e montagem da *Klaxon*, no seu escritório junto com Tácito de Almeida; na direção da *Terra Roxa e Outras Terras*, ao lado de Alcântara Machado e Sérgio Milliet, bem como colaborador nas mais conhecidas revistas modernistas (*Estética*, *Revista do Brasil*, *Verde*, *Revista Nova* etc.). Ajudou a fundar o Partido Democrático em 1926 e foi um dos proprietários e diretor-redator do *Diário Nacional* (1927-1929). Por ocasião do conflito de 1932, esteve à frente da Comissão de Imprensa da Liga de Defesa Paulista. Participou da proposta de criação da Escola Livre de Sociologia e Política (1934), sendo conselheiro e seu professor de História Econômica por mais de trinta anos. Tudo isto foi esmiuçado considerando, sobretudo, a presença do nosso personagem, ou a sua perspectiva dos acontecimentos.

Basicamente, a pesquisa foi desenvolvida no acervo da família Couto de Barros, de onde se origina a quase totalidade do material aqui reproduzida. Expandi a consulta a outras instituições. Um dos netos de Couto de Barros, o advogado e professor Luiz Carlos, em alguns momentos colaborou neste projeto: além da busca no arquivo da família, recolheu material na biblioteca do Colégio São Bento, na Faculdade de Direito da USP e no CRE – Centro de Referência em Educação Mário Covas, onde se encontra a documentação relativa à Escola Caetano de Campos.

Consultamos juntos na Biblioteca Mindlin o Arquivo do Rubens Borba de Moraes, amigo dos Couto de Barros (ainda na rua Princesa Isabel, quando contamos com a acolhida não apenas do seu proprietário, José Mindlin, mas também da responsável pela coleção, Cristina Antunes). Aproveito para homenagear aqui a memória dos dois que foram sempre generosos com os pesquisadores que visitavam a referida biblioteca. No IEB-USP, completamos a leitura do restante do *Diário Nacional*, referente ao ano de 1929, ausente na coleção do escritor.

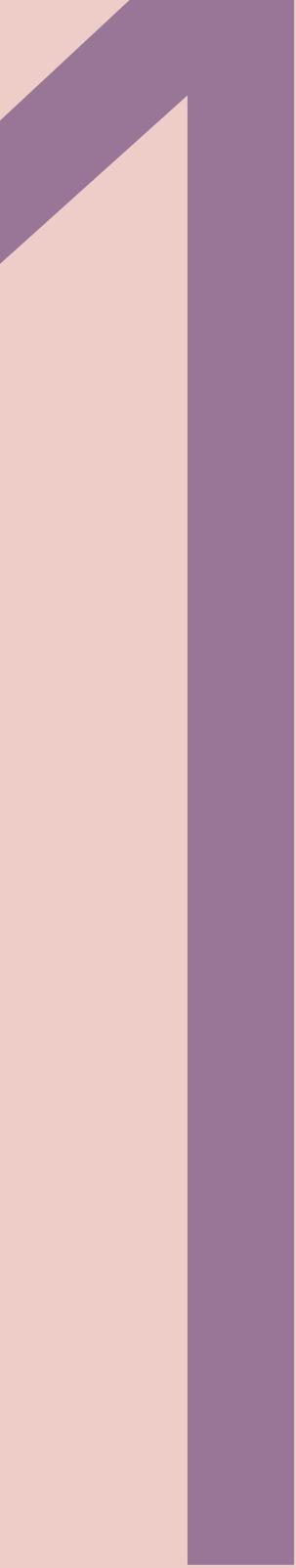
A investigação não parou. No Museu Lasar Segall, meu foco foi ampliar eventualmente o material ligado à Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), da qual Couto de Barros foi sócio-fundador e colaborador; no Museu da Imagem do Som, busquei informações sobre o Automóvel Club de São Paulo. Ainda no Arquivo Mário de Andrade, do IEB, examinei a sua correspondência passiva, explorada basicamente no Capítulo 8 deste volume. Por fim, no IEL-Unicamp, percorri os arquivos de Paulo Duarte, companheiro de Couto de Barros no *Diário Nacional* e na Revolução de 1932; o de Guilherme de Almeida, também colega de modernismo e de outras lides; bem como o de Flávio de Carvalho, fundador do CAM (Club de Arte Moderna), do qual o nosso personagem foi um dos patrocinadores; sem esquecer a coleção Oswald de Andrade, de quem Couto de Barros foi o amigo de toda a vida, desde a Faculdade de Direito.

Na elaboração deste projeto, contei com a ajuda inestimável de várias pessoas. Em especial, dos familiares de Antônio Carlos Couto de Barros que me franquearam o arquivo, cuja organização primeiro foi feita por sua filha Maria Altemira de Barros Cardinalli, depois por seu neto Luiz Carlos de Barros Lapolla e sua mãe Maria Luiza. No começo de tudo, tive a mão da minha amiga Rosa Wolf, que me apresentou ao filho de Maria Altemira, José Antônio Cardinalli Filho. Aos dois e a toda família Barros, que ainda não conhece este texto, meus agradecimentos.

* Esta pesquisa contou inicialmente com o suporte do CNPq (Bolsa de Produtividade e Bolsa Auxiliar Técnico) e do SAE-Unicamp (Bolsa de Trabalho). As ilustrações reproduzidas neste livro são do Arquivo ACCB, quando pertencerem a terceiros será indicada a sua procedência na legenda.

Couto de Barros em Campos de Jordão na década de 1920.





DE GOUVÃES/
DO DOURO
A CAMPINAS

O sucesso da economia cafeeira, na segunda metade do século XIX, acompanhado de desenvolvimento e progresso, atraiu muita gente para o Estado de São Paulo. O incremento do transporte ferroviário aproximou o interior da Capital, conseqüentemente seu cenário se alterou para receber as famílias endinheiradas, até então, reclusas nas pequenas cidades ou nas fazendas. Cinemas, comércio, bairros residenciais planejados, instituições culturais do porte do Museu Paulista (1893), do Instituto Histórico e Geográfico (1894), do Conservatório Dramático e Musical (1904) da Pinacoteca (1905), do Automóvel Club de São Paulo (1908), do Theatro Municipal (1911), da Sociedade de Cultura Artística (1912), da Sociedade de Concertos Clássicos (1915) e escolas como a Caetano de Campos (1894), o Nossa Senhora do Carmo (1899) e o São Bento (1903) surgiram para atender esta nova clientela. Mas, voltaremos gradativamente a este panorama mais tarde.

Nesta época, a imigração portuguesa, em São Paulo, era menor apenas se comparada à italiana. Seduzido por aquelas notícias alvissareiras de prosperidade garantida, o comerciante José Júlio de Barros (1837-1911) emigrou de Gouvães do Douro, Portugal, na tentativa de, também, “fazer a América”, e, sobretudo, contribuir para construir São Paulo, como veremos. A chegada do empresário deu origem ao bem-sucedido ramo da família Barros no Brasil. José Júlio, de início, estabeleceu-se na província do Paraná, onde viviam alguns dos Ferreira Zimbres de Queirós, seus parentes e conterrâneos, e cujo presidente era Zacarias Góis e Vasconcelos, com quem travou relações, pois viera bem recomendado da sua terra.

Os Barros seguiram a trajetória de muitos imigrantes europeus aportados em São Paulo, no segundo ciclo da economia cafeeira. Trabalharam, progrediram e se casaram com outros descendentes de bandeirantes. Do casamento, em 1863, de José Júlio de Barros com Emerenciana Ferreira Zimbres de Queirós (1849-1933), cuja família, também proveniente da mesma região portuguesa, estava enraizada em Campinas, nasceram treze filhos.



José Júlio e Emerenciana
(avós de AACB).

Loja de José Júlio de Barros,
em Campinas.



José Júlio transitou por Taubaté e São Paulo até 1880, quando instalou em Campinas uma empresa do ramo de tecidos, na região central da cidade. Uma fotografia da loja mostra as prateleiras envidraçadas, o comerciante com os filhos maiores de terno escuro e os menores sentados, posando para o fotógrafo, em frente ao grande balcão igualmente de madeira escura. No século XIX, Campinas era um centro agrícola e comercial auspicioso, impulsionado pelo entroncamento ferroviário que alimentava o mercado rural e o doméstico. Na cidade mais rica do Estado, com vida cultural dinâmica graças à presença de várias personalidades, bem como de muitas companhias artísticas, José Júlio encontrou outro contemporâneo, Francisco de Mesquita, de Trás-os-Montes, colega do comércio assim como seus descendentes, responsáveis pela construção da “saga” paulista. Um deles, Júlio César Ferreira Mesquita, seria contemporâneo do filho mais velho de José Júlio, Adriano Júlio (1864-1940), no Colégio Internacional, criado pelo pastor George Morton. Depois, o filho de Adriano Júlio, Antônio Carlos, encontrou outros dois Mesquitas, Júlio e Francisco, na Escola Modelo Caetano de Campos, a partir de 1903, em São Paulo.

Em Campinas, as crianças frequentaram boas escolas: além do Colégio Morton, passaram também pelo Culto à Ciência, que, fundado em 1874 e considerado o “mais notável estabelecimento de ensino do país”, teve, a partir de 1901, como um dos seus professores o escritor Coelho Neto. O mais velho, Adriano Júlio, logo demonstrou desinteresse pela carreira de comerciante do pai e foi deslocado para a então capital do país, a fim de estudar medicina. Américo, o caçula dos homens, estudaria Contabilidade em Neuchâtel, Suíça. As mulheres uniram-se a empresários e profissionais liberais bem-sucedidos, descendentes de tradicionais famílias paulistanas. Por sinal, essa geração dos Barros conseguiu, como o patriarca, realizar casamentos promissores, dos pontos de vista financeiro e social.

Até o sucesso econômico chegar, José Júlio trabalhou duro. Vivia na própria loja, enfrentava a fiscalização municipal ao abrir sua empresa aos domingos e feriados, com o objetivo de engordar o então precário orçamento familiar, embora não estivesse infringindo as inexistentes leis trabalhistas no momento. Era o dono e único empregado, auxiliado pelos filhos. Para estes, a loja deveria ser uma escola de vida, mesmo para os que não tinham talento para abraçar a profissão do pai. No mínimo, aprenderiam a arte de negociar e expandir os bens. Adriano, por exemplo, não se contentou em ser médico famoso, soube explorar o espírito de competição arraigado na família, enveredou pelo ramo da indústria, como vamos ver, a despeito de ter contrariado, outrora, o desejo paterno de vê-lo dando continuidade a seus negócios.

Mais tarde, Antônio Carlos Couto de Barros evocaria as histórias que ouvia sobre o avô:

Vida de caixeiro em Campinas (1880). Regime de trabalho das 6 às 23 horas ou 24 horas. Freguesia dia e noite. Para fazer um conto de réis levava o dia todo vendendo. A “chita-cretone”, da melhor, custava de 800 a 900 réis o metro. O caixeiro dormia em cima do balcão: como travesseiro, um rolo de baeta – como colchão, um cobertor. 20 minutos para comer. Não havia tempo para tomar banho. Às vezes o caixeiro fingia que se dirigia à casa do freguês; mas, na verdade, ia tomar banho na Beneficência Portuguesa.

Exatos cinquenta anos depois de imigrado, realizado financeiramente, o comerciante José Júlio desfrutou, junto à mulher e três filhos, de merecidas férias na Europa. Deslumbrados com a quantidade de coisas para conhecer e a avalanche de novas informações, escreveram aos parentes, contando-lhes suas experiências¹. A epidemia de febre amarela, em Campinas, levou mais uma vez José Júlio para a

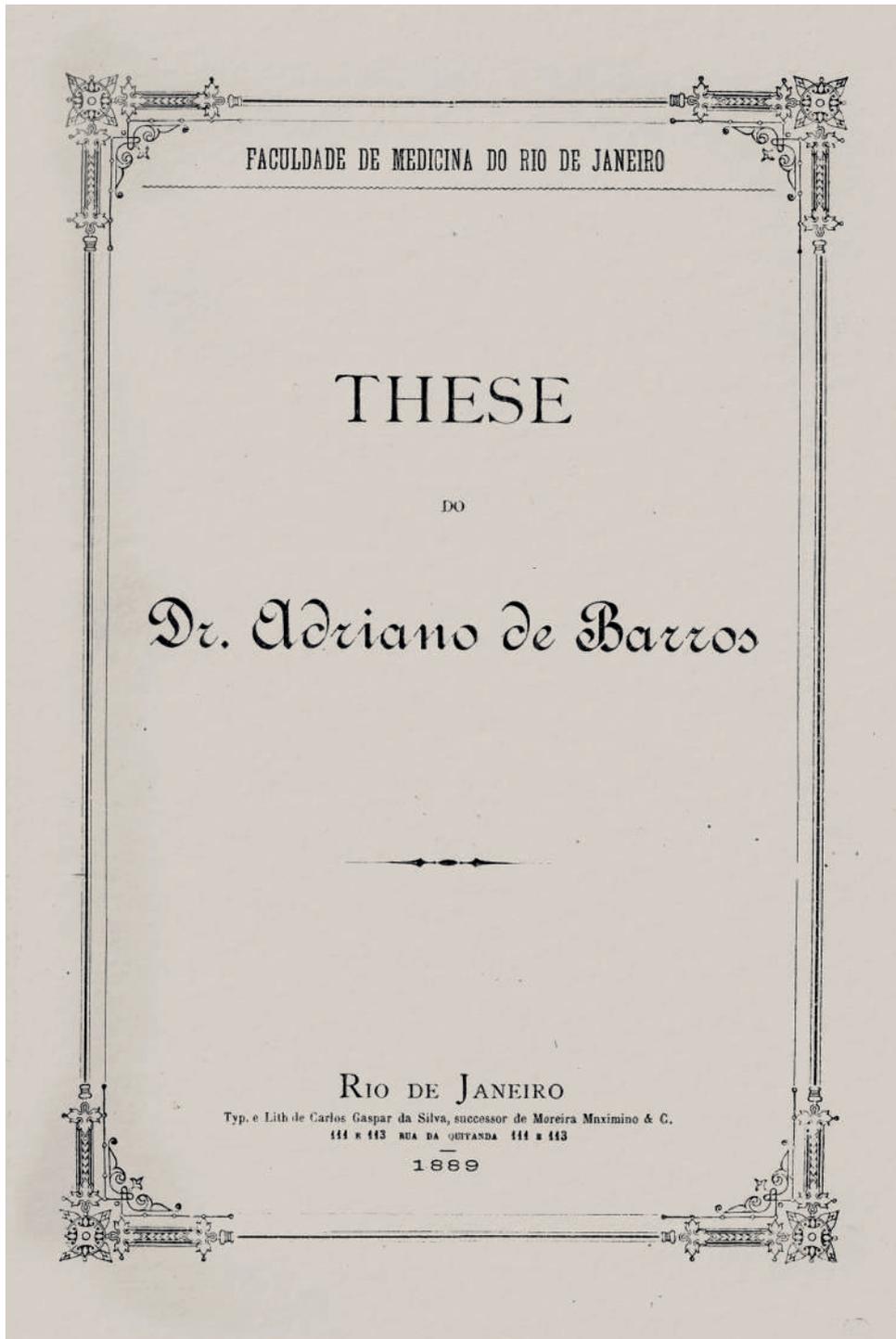
¹ Cartas de José Júlio a Adriano de Barros, Paris, 26.6.1903, e de Emerenciana a Adriano de Barros, Paris, 27.6.1903, Arquivo ACCB.

cidade de São Paulo, desta vez, acompanhado da mulher e dos filhos. Passou a residir na rua Visconde do Rio Branco, onde faleceu e foi enterrado no Cemitério da Consolação, em 6 de dezembro de 1911. Esta mudança de domicílio coincidiu com a colação de grau em medicina e farmácia de seu filho Adriano Júlio de Barros, formado no ano da Proclamação da República, na capital do país, numa das poucas escolas do gênero (a outra era na Bahia), contemporâneo de outros futuros nomes ilustres como Arnaldo Vieira de Carvalho, mais tarde um dos fundadores da Faculdade de Medicina em São Paulo. Adriano concluiu o seu curso defendendo a tese na Cadeira de Obstetrícia e Ginecologia², publicada no mesmo ano da formatura sob os auspícios da própria escola. A carreira de médico no Brasil começava a ganhar prestígio e a acenar com a promessa de êxito, compensando, portanto, os gastos feitos pela família Barros com o objetivo de manter Adriano na então capital do Império.

A carta do jovem médico ao capitão Antônio Francisco de Andrade Couto, o Totó Couto (1847-1906), empresário na área do comércio e fazendeiro, residente em Campinas, pedindo a mão de sua filha, Altemira Alves de Andrade Couto (1871-1940), seria o documento inaugural da terceira geração dos Barros no Brasil. Chama atenção a objetividade do texto, considerando o tipo de correspondência. Adriano vai direto ao assunto, sem rodeios e delongas. A noiva descendia de antigo tronco bandeirante. Seu irmão, Luiz Silvério Alves Cruz (1829-1894), governou a província de Goiás, no tempo do Império, e foi um dos fundadores da cidade de Campinas. Sua irmã, Maria Alves de Andrade Couto, também se casaria com outro Barros, Sabino Júlio, que seria sócio do irmão Adriano na indústria fundada em 1911, na cidade de São Paulo.

A família materna do nosso personagem também estava ligada ao comércio campineiro. A avó, Maria Umbelina Alves Couto (1848-1903), idealizou o Liceu de Artes e Ofícios, depois Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas, ainda em funcionamento, tendo como modelo aquele existente na capital. Umbelina, benfeitora, hoje é lembrada por uma placa de rua, na zona central próxima ao Liceu, no bairro do Taquaral. A escola, criada em época de crise na região, numa paisagem urbana combalida pela epidemia da febre amarela, destinava-se a atender aos inúmeros órfãos cujos pais foram vitimados por esta doença. Para a empreitada, que se inaugurou em 1897, a matriarca, católica fervorosa, teve a ajuda do futuro bispo da cidade, D. João Batista Correia Neri. Conseguiram maciças doações de importantes famílias da região, como a dos Ferreira Penteados, e a dos barões Geraldo de Resende, que doaram o terreno. Antônio Carlos Couto de

2 A tese era intitulada *Dos Meios de Sustentar a Vida Ameaçada por Hemorragias do Parto ou do Fecundamento*.



Tese do pai de Couto de Barros.